

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGA-
NDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI
II SERIE

5 DE NOVEMBRO 1921
N.º 113

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO INTERNACIONAL

DE harmonia com a resolução que foi tomada pela conferencia do trafego internacional franco-hispano-portuguez, cuja ultima sessão teve logar, ha pouco, no Bussaco, foi suprimido, a partir do dia 29 do mez passado, o comboio «*rapido de Medina*»; tendo sido restabelecido, desde o dia 30 do mesmo mez, a circulação do *Sud-Express*.

Este comboio, que é formado simplesmente por carruagens de luxo da Companhia internacional dos vagões-leitos, circula tres vezes por semana: aos domingos, terças e quintas, no sentido Lisboa-Paris, sendo a partida de Lisboa-Rocio ás 11,35 e a chegada a Paris ás 22,30 do dia immediato; gastando, portanto, apenas 35 horas no percurso d'essa grande distancia.

No sentido descendente, ou seja Paris-Lisboa, a circulação faz-se, em Portugal, ás segundas, quartas e sextas, sendo a sua chegada a Lisboa-Rocio ás 21,15.

O tempo de percurso n'este sentido, é igualmente, apenas, de 35 horas.

Este serviço é, como dizemos, tri-semanal; devendo no proximo ano tornar-se diario, com o mesmo horario e tempo de percurso.

Fica, pois, assim restabelecido o importante serviço das ligações internacionaes

por que a nossa Revista tem vindo pugando ha tanto tempo; o que, facilitando um meio comodo e rapido para o trafego de passageiros do Atlantico-sul, põe o nosso porto a coberto da concurrencia dos portos espanhoes.

As ligações ferroviarias de Portugal com a França fazem-se ainda diariamente pelos comboios correios ordinarios, em seguimento do que parte de Lisboa ás 21,15 e do Porto ás 20,4; e ainda três vezes por semana, alternando com o atual serviço do *Sud-Express*, pelos comboios rapidos das Companhias Portugueza e da Beira Alta, que teem immediata ligação com os rapidos espanhoes até á fronteira hispano-franceza e d'ahi até Paris.

Estão, portanto, asseguradas as relações internacionaes de forma a satisfazer as necessidades dos passageiros de todas as classes.

Preciso é, tambem, que o porto de Lisboa, absolutamente incomparavel pela sua posição e facil acesso em todas as occasões, continue a oferecer as possiveis facilidades e comodidades, para que, aproveitando-se das relações internacionaes que, por terra, são presentemente proporcionadas, os passageiros, especialmente os d'alem Atlantico, lhes dêem sempre a preferencia.

EXCURSÃO AO ALGARVE

IMPRESSÕES DE VIAGEM

EM FARO

PASSAMOS um dia em Faro, que aproveitámos para conhecer bem a cidade. Assim, visitámos, de manhã, o mercado, que é pequeno mas suficiente—segundo nos pareceu—para as exigencias da população. Se bem que já não fosse muito cedo (10 horas p. m. m.), o movimento era então diminuto, e os logares de venda nenhuma surpresa apresentavam ao nosso exame.

Vimos, depois, a instalação electrica; percorremos o jardim e algumas ruas da cidade, onde notámos estabelecimentos modernizados e bem sortidos; indo por fim parar a uma grande mercearia, que é—na relativa comparação dos exemplos—o «Jeronymo Martins», de Faro.

E' claro que o que ali nos conduziu, foi o dever de satisfazermos os desejos das respectivas familias, que não se convenceriam da nossa estada no Algarve se não lhes atestássemos esse facto com o mais authentico documento—que n'este caso era uma remessa directa de figos—para que elas lhes chamassem «um figo».

D'esta sorte, fizémos uma profusa escolha entre a diversidade de caixas—todas elas muito atrahentes, e, as mais bonitas, mais cáras do que as outras...

Emfim—para não desgostarmos a nossa propria consciencia trouxémos de todos os feitios e qualidades na apparencia—pois, de resto, o figo é sempre o mesmo.

Devemos, porém, dizer—em justo aparte—que a industria do figo, no Algarve, se acha largamente desenvolvida, facilitando o respectivo comercio por forma atrahente para o visitante.

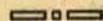
Se bem que este producto, essencialmente regional, seja bastante conhecido, não só em Portugal, como tambem no estrangeiro, a sua procura faz-se sempre de maneira a animar uma larga industria,

que é, por assim dizer um factor importante da economia da provincia.

Outros são, tambem, os productos da região que, por igual, teem muita procura, taes como a amendoa, a alfarroba, o vinho, a cortiça, etc., e o seu comercio dá um intenso movimento em todo o Algarve.

Paralelamente, a industria das conservas, tambem tem progredido por forma notavel; tendo sido inumeras as fabricas que se montaram durante o periodo da guerra. Em Vila Real de Santo Antonio foi-nos dado visitar a grande e antiga fabrica do conhecido industrial Ramirez; sabendo da existencia de muitas outras que ali constituem, por assim dizer, a fonte industrial de maior caudal.

Em Tavira, Olhão, Portimão e Lagos existem igualmente importantes fabricas de conserva de peixe, industria esta que é, como constatámos, a primordial da região.



Depois do aprovisionamento das lembranças para a familia, entre os quaes figuravam os saborosos «D. Rodrigo», os «Morgados» e outras especies da primorosa doçaria Algarvia, regressámos ao hotel para almoçar. A prova das especia-rias regionaes, não nos tendo tirado o appetite devorador que nos havia atormentado, permitiu-nos que saboreássemos, como bons *gourmets*, o repasto fornecido pelo *maitre hotel*.

De seguida visitámos uma curiosa fabrica de moagem, cuja instalação se acha feita pelo *systema* Suisso, servindo para descasque e moagem de trigo, milho e arroz.

Interessou-nos sobremaneira essa visita, que nos foi gentilmente proporcionada pelo velho amigo e camarada sr. José de Lemos, que, ao fim de muitos anos d'ausencia do jornalismo e da nossa boa ami-

zade, fomos encontrar em Faro, ocupado n'uma especial e curiosa industria de serração de madeiras e aproveitamento d'alfarroba para alimento animal.

Com o auxilio d'esse velho e obsequioso amigo, verificámos que a vida da Cidade é muito laboriosa, registando-se o seu desenvolvimento como uma segura garantia de expansão; o que, aliás, fazendo-se sentir em toda a bela provincia, dá-lhe a segurança de se bastar a si propria.

Este é o maior padrão de gloria de que os naturaes justamente se ufanam.

E' por isso que eles, além d'outras e justas regalias a que teem o maior direito, pretendem que lhes seja concedida a autonomia administrativa, para que assim possam cuidar livremente da sua excelsa provincia.

E estamos bem certos de que, quando tal conseguirem, o Algarve será um verdadeiro encanto e a mais propicia região de turismo. Então, o seu progresso e o desenvolvimento da sua laboriosa vida intensificar-se-hão de forma a assegurar-lhe uma completa independencia.

— N'essa ocasião, certamente, os seus portos serão facilmente acessiveis a uma razoavel e proporcional navegação (abstrahindo o de Lagos, que oferece já abrigo e vantagens a toda a navegação); as suas estradas convidarão a agradaveis passeios; os bons hotéis estarão instalados em todas as cidades e vilas; os comboios oferecerão a rapidez e comodidades indispensaveis; enfim—tudo quanto possa atrahir e fazer conservar dentro dos seus limites, com consciencioso aprazimento, tanto os naturaes como os estrangeiros—estes principalmente, que são os melhores pioneiros das ultimas modalidades da civilização—isto, bem entendido, sem que em nada se modifique o cunho antiquario e verdadeiramente original que apresentam os seus mais interessantes motivos regionaes e historicos.

Faro, que está uma cidade de agradável aspecto, tem um ponto de vista soberbo: é o monte de Santo Antonio, onde se

acha erecta uma capela do seculo XVII, preciosissima como documento d'antiguidade.

D'um terraço, sobreposto lateralmente a essa Capela, avista-se toda a Provincia do Algarve, desde quasi a 'ponta de Sagres até o Guadiana; acompanhando a vista a linha, sinuosa, que limita o nosso continente com o Mar.

O panorama não é menos curioso para o lado da terra, onde pequenos outeiros sobresaem em distincto relêvo pelas fulgurações d'uma intensa luz.

São tambem, d'um atrahente aspecto, os fundos escuros das encostas da cordilheira que se estende em todo o comprimento do Algarve e onde se divisam os casaes, ou quintas, no meio dos quaes, em alvinitente brancura, sobresaem as casitas maiores ou mais pequenas dos respectivos proprietarios, n'uma doce poesia bucolica.

Resumindo: todo o panorama que d'ahi se disfructa prende pelo pbeerismo do quadro, iluminado sempre por uma luz que se espalha em tons de vida, de relevo, de beleza!

O extasi em que nos mantivemos foi demorado; por isso se nos fixou indelevelmente a grata impressão recolhida.

Sahimos d'ali com verdadeira saudade.

No caminho de regresso, visitámos o Jardim Municipal, que é vedado por um gradeamento de ferro.

A sua superficie é pequena, mas bem aproveitada na exploração d'uma flora agradável. Ao fundo acha-se instalado o Matadouro Municipal que, não sendo de grandes dimensões, mostra, todavia, obedecer a um cuidado regime.

Ha, ainda, em Faro, motivos de especial atenção e que se impõem á visita do turista. O tempo, porém, não nos proporcionou uma mais demorada estadia; e, assim, depois de jantar, e em obediencia ao nosso programa, tomámos o comboio para Portimão, com destino á Praia da Rocha, onde fomos ficar n'essa noite.

Da odissêa d'esta viagem, trataremos no proximo numero, pois ela revelou-nos uma das surpresas cuja lembrança é sempre interessante para o turista.

A. L.

LE PORTUGAL ET LE TOURISME

(APRECIATIONS D'UN TOURISTE ÉTRANGER)

IL n'y a, certes, dans le Monde, un pays qui soit par excellence le vrai champ du tourisme que le Portugal. On y trouve tout : le bon soleil, les nuits d'un clair de lune incomparable, un climat qu'on ne s'offre facilement ailleurs ; la faune et la flore on a jamais trouvées pareilles ; les chutes d'eaux, les montagnes, les grandes prairies, les doux fleuves ; enfin, les vraies beautés de la Nature se sont réunies dans ce joyeux petit coin du Monde.

C'est le Portugal, qui a été autrefois, la plus grande nation par les épatants faits de ses fils !

N'oubliez jamais qui furent les portugais les premiers navigateurs du globe. La civilisation leurs doit les premiers pas de sa jetté vers l'Orient ; la découverte du chemin maritime pour les mères orientales étant son plus grand témou de gloire.

Aussi ils sont également glorifiés par d'autres importantes découvertes, la plus grande étant celle du Brezil, le grand pays de l'Amérique du Sud où, après, le comerce et l'industrie mondiales ont trouvé leurs grands motifs d'expansion.

Ce sont les portugais encore qu'on peut raisonnablement nomer «les poilus de la civilisation mondiale», qui habitent cet excelent pays — le Portugal, dont l'ancienneté est encore aujourd'hui bien documentée par des surperbes motifs de sa grande et très interessante histoire.

Ces motifs constituant les pages les plus précieuses de la vie de cette nation de heros, de batailleurs, de navigateurs, enfin, d'un peuple intelligent et sage, se trouvent partout : á Lisbonne, dans des grands monuments, comme le temple des Jeronymos, la tour de Belem, l'église de S. Roque, la Cathedrale, dans les museums de peinture, d'art — et j'en,

passe, parce qu'il n'y faut où le tourisie peut s'instruire, se plaire, s'attacher même a la suprême beauté de veritables exemples.

Dans les provences, ils se trouvent aussi á chaque Ville, pour ainsi dire ; Porto, Braga, Vila do Conde, Guimarães, Leça do Bailio, Paço de Souza, Coimbra, Bussaco, Guarda, Evora, Setubal, Leiria, Batalha, Alcobaca, Cintra, etc., sont des pages historiques du Portugal et en même, ils offrent tant de beauté, tant d'interêt, tant d'attraction, qu'on ne peut pas laisser de les visiter.

Il faut donc le faire pour qu'on puisse connaitre ce beau et ravissant Pays.

C'est mon sentiment, que j'exprime avec beaucoup de plaisir et d'honneur aux lecteurs de la Revista de Turismo.

Lisbonne, Octobre 1921.

MAURICE DUFERNER

CAPAS PARA ENCADERNAR

A «REVISTA DE TURISMO»

Em a nossa Administração Largo Bordalo Pinheiro, 28, acham-se á venda as capas que especialmente mandámos fazer para encadernação dos numeros relativos ao 5.º ano da REVISTA DE TURISMO, pelo preço de Esc. 2\$50 cada capa.

Tambem nos encarregamos da respectiva encadernação mediante o pagamento de \$80.

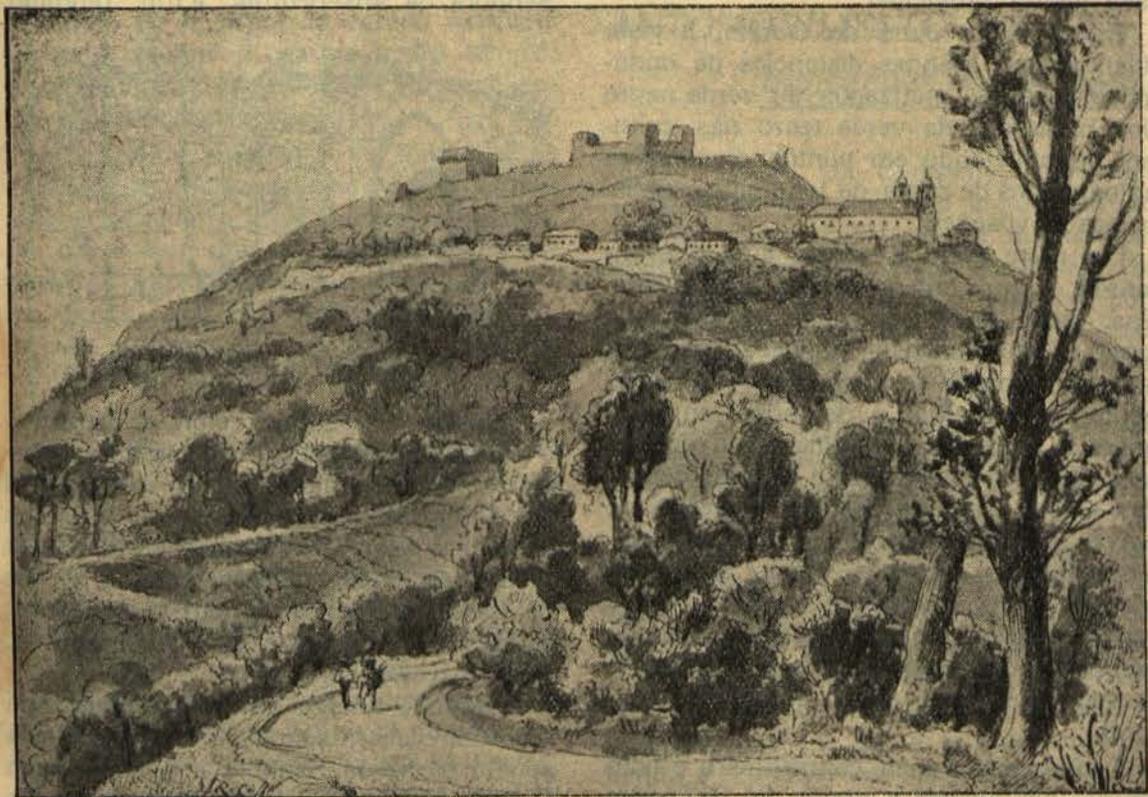
Para a provincia acresce o porte do correio.

NOTAS D'EXCURSÃO*NO CIMO DE OURÊM*

QUER o turista se dirija pela extensa estrada de Leiria, aberta atravez de densos pinhaes, até Vila Nova de Ourêm, quer siga a que de Chão de Maças para lá conduz ao longo de fertil e viçoso varzêdo, que duzias de picotas ou *cegônhas* regam abundantemente, sempre á distancia, de uma ou de outra estrada,

o seu tempo; e aqui, na *Revista de Turismo*, passo a contar o que de muito interessante se nos depara n'aquele notavel Monte estremêho.

Foi na companhia de um antigo e bom amigo, possuidor de uma bela quinta na região (Ceissa), e que carinhosamente me hospedara, que n'uma linda manhã de



NO CIMO DE OURÊM

se avista isolado um alto monte de dôrso arqueado, ostentando no cimo umas ruinas de castelo e algumas edificações, muito pequeninas, reduzidas pela perspectiva, na distancia de alguns kilómetros.

Se o forasteiro, tentado pelo atractivo da pitoresca silhuêta, se dispõe a ir até lá ao alto, póde-se afiançar que não perde

verão, n'uma charrete por ele guiada, nos dirigimos á velha Ourêm. Para lá chegar, passámos, antes, pela moderna Ourêm (Vila Nova) a antiga aldeia da Ponte, povoação alegre e soalheira, a que uma excelente egreja e alguns bons prédios por largas ruas dispostos, dão risôhna feição.

Mais algumas voltas de estrada por

entre luxuriante vegetação e chegámos á base do respeitavel Monte, que foi condado do Santo Condestable, o heroico D. Nuno Alvares Pereira.

Trepada com esforço do nédio cavallo a ladeira em zig-zagues, topa-se logo á entrada da vetusta povoação medieval com uma curiosa fonte do povoado, tendo entrada por arcos de ogiva de cada lado e ostentando na frente um escudo armoriado, tudo denegrado pelo rodar do tempo.

Mais adiante vêem-se uns altos e longos velhos prédios com braços nos cunhaes; e n'um pequeno largo, um pelourinho deteriorado, diz-nos que o velho burgo teve justiça Municipal.

Agora, já no cimo de Ourém, a vista dilata-se por grandes distancias de ondulados terrênos, matizados do verde negro dos pinhaes e de verde tenro nas culturas, branquejando em pontos diversos os aglomerados de casas de longinquas e dispersas povoações.

Por entre mato e terrêno adusto levantam-se lá no cimo restos da antiga fortaleza, para onde se chega passado um longo e escuro corredor abobadado; então, lá dentro, aprecia-se a existencia de vários panos de muralhas e de torres, entre as quaes a mais alta — a albarrã ou de homenagem (menagem) com as suas derruidas ameias; alguns postigos e frestas de ogivas marcam a parte do solar do Condestavel, que conserva ainda, n'um ou n'outro ponto, *machicoulis* e uma original ornamentação exterior a tijolo, formando archêtes e linhas quebradas conforme representamos em o nosso croquis do natural.

Agora com o meu companheiro e bom amigo, vou vizitar a antiga Sé de Ourém e surpreendo-me ao ver um templo com torres sineiras, já negro dos anos, mas de architectura barôca, e portanto em desacôrdo com o fim da Edade Média.

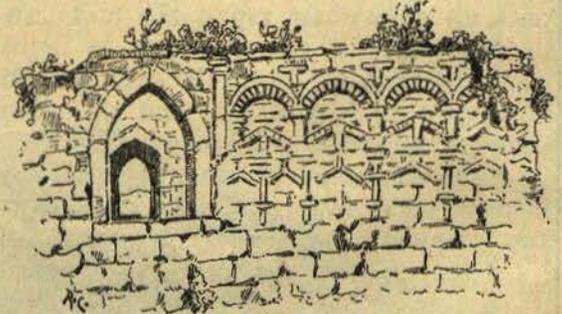
— Foi o grande terremoto de 1755, que deu em terra com a primitiva frontaria, disse-me o meu guia, e foi portanto depois d'isso que foi reconstruida, assim como o interior da Sé.

— Isso explica os tres grandes arcos

de pleno centro da parte inferior — acrescentei eu — assim como as janelas, setecentistas e o seu timpano triangular, ostentando ao centro o escudo nacional da época de D. José I ornamentado em rocalhas.

A surpresa continuou porém a manifestar-se-me quando entrei no vasto templo de abobada de berço e portanto de uma só nave, de identico estilo architectónico; dando logo nas vistas um opulento cadeiral para o clero, nas festividades, e um rico altar-mór com a vistosa talha douorada do setecentos.

Prendeu-me sobremodo a atenção um grande quadro a oleo, dedicado á Nossa Senhora da Misericordia: é um retábulo,



PARTE DO SOLAR DO CONDESTAVEL

de magnifico desenho e colorido, ocupando o centro do altar mór, em que vários personagens se abrigam sob o manto azul da Senhora; destacando-se ao primeiro plano, em pé, o 1.º Marquês de Valença do Minho, e Conde de Ourém, filho do Conde de Barcelos e portanto neto de D. João I, o Mestre de Aviz, e do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

O grande fidalgo de esbelta figura está revestido de armadura; com a mão direita aponta a Nossa Senhora e apoia-se com a sinistra a um escudo brigantino; no lado oposto, fazendo *pendant*, ostenta-se uma dama de torres coroada, simbolizando a vila de Ourém; na dextra desenrola um pano, no qual se lê uma inscripção latina relativa á doação feita pelo Conde. Proximo da elegante figura um lindo anjo em pé mostra n'um papel o projecto do templo, conforme a reconstrução do seculo XVIII.

Como muitas outras boas pinturas da época, é esta tambem atribuida á famosa

artista hespanhola Josefa de Ayala, conhecida por Josefa de Obidos. O que conhecemos porém d'essa pintora, feito em escala pequena, como são os quadros da matriz de Obidos, onde residiu, leva-nos a julgar ser de outro auctor o retábulo de Ourêrn, dadas as grandes proporções d'este, quadro; todavia não pode averiguar então, dada a altura a que está, se tem assignatura de auctor.

— Só para este famoso quadro, valia a pena aqui vir — disse eu para o meu amigo, pois levo uma bela impressão de o ter contemplado.

— Pois ainda tem aqui mais que admirar; — disse-me ele sorrindo e dito isto, conduziu-me á cripta da igreja, existente exactamente sob o altar-mór do templo, onde realmente experimentei surpresa sobre surpresa.

A cripta de abobada de varios arcos cruzados sem nervuras aparentes, é aguentada pelas quatro grossas paredes da quadra e por seis robustas columnas de capiteis de transição romano-góticos, de forma cubica, mas com adornos ogivaes, definindo a época da construção; decerto anteriores ao fundador, ou seja o seculo XV.

Ao centro está um lavrado tumulo de pedra de Ançã (identica á empregada no Mosteiro da Batalha), o qual contem os restos do mesmo Marquez de Valença e conde de Ourêrn, que tendo falecido em Setubal, o rei D. João II fez transportar para o seu templo de Ourêrn, segundo reza a inscripção do moimento.

O grande senhor feudal vê-se esculpido em grandeza natural sobre o tumulo, em decubito dorsal, revestido de amplas vestes, tendo um gôrro na cabeça, e esta repousa sobre duas almofadas; na parte anterior ha uma misula de lavôr gótico, onde lhe descançam os pés; nota-se depois vários silvados, rosas estilizadas, e o escudo da personagem, com elmo e timbre — uma aguia voando — tendo o brazão uma cruz em aspa, e intervaladas cinco quinas riaes e outras tantas cruces de Aviz que se vêem tambem dispostos pelas faces do jazigo, tornando o um notavel objecto de

arte decorativa escultural, em nada inferior aos tumulos da Batalha.

Não pode deixar de agradecer ao meu amigo o ter-me proporcionado a vizitar em Ourêrn taes preciosidades, quer arquiológicas, quer artisticas, que bem longe suspeitava de ali existirem; e eis mais um motivo de turismo n'este nosso lindo Portugal, que aqui recomendo: uma subida ao alto da histórica vila de Ourêrn.

Lisboa, Outubro 1921.

RIBEIRO CHRISTINO

AUTOMOBILISMO

INDICAÇÕES NAS ESTRADAS

A Vacuum Oil Company, no intuito de prestar mais um importante serviço aos automobilistas, vae mandar colocar, de sua conta, em todas as estradas do Paiz, placas de ferro esmaltadas com indicação de distancias dos pontos mais importantes por elas servidas, das passagens de nivel, das suas curvas e rampas perigosas, conforme o que foi estabelecido pela convenção internacional.

O pedido que n'esse sentido foi feito ao Governo por aquela Companhia, teve já o deferimento da Administração Geral das Estradas e Turismo; devendo, portanto, o assentamento d'aquelas placas começar a fazer-se dentro em pouco tempo.

E' este um melhoramento de efeitos muito beneficos, e que deve merecer o agradecimento de todos os automobilistas; sendo a Vacuum merecedora dos maiores elogios por mais essa sua brilhante e util iniciativa.

ASSIGNATURA

PORTUGAL (Cont.)—Semestre.....	Esc. 1\$50
Ano.	Esc. 3\$00
COLONIAS—Ano.....	Esc. 5\$00
EXTRANGEIRO—Ano.....	Esc. 6\$00

Numero avulso \$30 (300 réis)

AS ESTRADAS EM PORTUGAL

POUCOS SERÃO, POR MUITOS QUE SEJAM,
OS ELOGIOS Á OBRA DO GOVERNO QUE SE
INTERESSAR POR TÃO IMPORTANTE ASSUNTO

As contribuições que hoje sobrecarregam um automóvel, são de molde a destruir todo o desejo de o possuir! —Porque são elevadíssimas? Não é bem este o motivo. Apenas porque são administradas com um desprezo igual áquele que encontramos ainda em todos os serviços publicos, e que se justifica no identico sentimento que os varios estadistas da Republica dedicam aos interesses collectivos.

Mas uma vez que ás estradas seja prestada atenção e cuidado, dentro de pouco tempo poderemos nós—os que pagamos muito para não aproveitar nada—colher os beneficios, deixando de encaminhar os autos quasi semanalmente para as oficinas, no arranjo de mil e uma coisas que as estradas calamitosas arruinaram, bem como na demora diversa na vida dos *pneus*, que agora quasi têm a d'uma suave noite de Agosto.

E se assim fôr, poucos serão os elogios á obra do governo que a tal assumpto dedique os seus cuidados.

As impressões de agrado que conservo das estradas estrangeiras, onde—justo é dizel'o—alguns bocados encontrei tambem arruinados, não provêm apenas da sua planura, maciesa e comodidade. Não devc esquecer os cuidados que notei serem-lhe prestados e que estão em vincado contraste com o desprezo que em Portugal lhes é dedicado.

Sem precisar ir mais longe, aqui a nossa vizinha Espanha, oferece o exemplo flagrante.

Tendo seguido a trajectoria sul, quando da minha ida a Roma, e do norte, no regresso, tive occasião de conhecer muitas das arterias que ligam umas a outras ci-

dades, uns a outros paizes. Excepção feita da Suissa, que percorri em variadas direções, desde Genebra a Zurich, com escala por Lauzane, Berne e Lucerne...

Mas, para não ir mais longe buscar impressões que perto de nós fui colher, devo aqui frisar, que na vizinha Espanha, os cantoneiros me deixaram uma agradavel impressão. O meu carro, um magnifico *Peugeot* de 18/24, durante 65 dias sem descanço batido, sem um unico momento em *pane*—e com alegria o confesso, tão risonhos me pareceram esses quasi dois e meio mezes de viagem, com variadas correntes atmosfericas, como succedeu em altitudes elevadas da Suissa—corria velozmente pelas estradas de Espanha. De longe ou de perto, um cantoneiro surgia na volta d'uma curva, alegre, cumprimentador. Todas as vezes que parei o andamento para inquirir uma indicação, eles foram, como nos cumprimentos, d'uma extrema delicadeza. O facto, dada a educação propria da classe, notado desde começo, não encontrou explicação que satisfizesse, porque a não inquiri em parte alguma; mas, pelo raciocinio, pareceu-me ser a seguinte: retribuição que o Automovel Club de Espanha, lhes conceda.

Se ninguem trabalha sem que o incentivo seja força motriz do seu movimento, é crível que aquela gente, rude e simples, fosse assim, quasi no geral, atenciosa, só pelo prazer de cruzar com um... automobilista?

Sendo assim, por outro motivo não encontrar, porque não dão ao nosso A. C. P. interferencia na distribuição das verbas, na sua melhor applicação e conservação?

Se a entrega das quantias para tal fim a uma entidade militar, como já escrevi,

por qualquer forma tem de ser posta de parte, seja aquela, com a fiscalização directa do governo, a que tenha de resolver esse vital problema. É então, certo estou, muita gente vinha a conhecer que Portugal é como os outros paizes, tão sujeito a possuir boas estradas, como a oferecer aos seus hospedes o bem estar e as belezas que lá vamos encontrar fóra, em povos que possuem, porque lhes ensinaram, os predicados para saber chamar a

si todo aquele que tem dinheiro e o deseja gastar, rodeando-se de comodidades.

Faltam-nos boas estradas e hotéis que mereçam este nome. Se possuíssemos umas e outros, Portugal veria prosperar de norte a sul a industria do turismo, tal qual a Suíça — esse paiz onde o dinheiro se gasta com alegria e desejo de que o tempo não caminhe.

ALVARO NETTO

CARTAS DE PARIS

Dos Pyreneos a Vichy — Cette — Bezieres — Uma linha ferrea que se parece com a do Douro — A grande ponte de Gabarit — Vichy e a sua vida mundana — Agua quente que refresca

NADA mais me restava a ver nos Pyreneos, e o calor esbraseante que fazia, mais convidava a um repouso sobre arvores frondosas do que a viajar.

Resolvi, pois, seguir para Vichy, onde desejava fazer tratamento e, ao mesmo tempo, fugir das iras do sol ardente.

Chegado a Beziers e como não tivesse comboio senão no dia seguinte ás nove da manhã, tomei o partido de ir a Cette, ali a dois passos — o que, de resto, não era desagradavel, pois á janela do comboio sempre corria uma aragem, emquanto que cá fóra abafava-se.

Perdido foi o meu tempo, porque o comboio, atravessando vinhedos sem fim, tornou o trajecto banal; e Cette nada tem de notavel. As ruas são poeirentas e o pequeno porto, onde não havia navios, nada me ofereceu d'interesse.

Voltei a Beziers. Era noite; tinha comido um pessimo jantar no restaurante

da estação Je Cette, e o que me apetecia era dormir.

Fiquei no Hotel da estação.

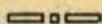
E' um Palace-Hotel em miniatura, construido e explorado pela Companhia do Caminho de Ferro do Midi, servindo magnificamente.

O preço é razoavel.

Era uma medida que nós desejavamos vulgarisada em Portugal, que as companhias de caminhos de ferro se não limitassem a transportar passageiros, mas a aloja-los nas suas estações de entroncamentos, quando os comboios não teem as necessarias ligações com as linhas convergentes.

E' certo que a Companhia da Beira Alta já fez construir na estação da Guarda, um hotel moderno; e o Minho e Douro possui um estabelecimento identico em Barca d'Alva; o que sendo muito para

louvar, é pouco, muito pouco, para o que o nosso Paiz precisa.



O comboio para Neussargues, d'onde devia seguir a Vichy, partia ás 9 horas. Era domingo e o tempo tinha refrescado um pouco; por isso, ao contrario d'outros comboios, que andavam vazios, o de Neussargues estava já repleto de passageiros; mas lá consegui obter um lugar.

A linha avança por uma encosta de vinhedos, e em breve penetra n'uma serie de vales acidentados, lembrando por vezes a nossa linha do Douro. Pontes, tuneis, cidadezinhas aninhadas em torno da igreja de torre esguia, como a querer furar o Ceu, constituem a paisagem, que por vezes nos deslumbra.

Os passageiros foram sahindo nas estações de entroncamento, para outros comboios que ali esperavam, fumegantes, para os conduzir. Eram pequenos trens com duas ou tres carruagens, velhas e tristemente envoltas n'um passado de aturada circulação.

Nas alturas de Gabarit, uma sensação nova se nos deparou: — foi a grandiosa ponte, typo da D. Maria Pia, feita, tambem como esta, pelo celebre engenheiro Eiffel.

Mal tivemos tempo de a vêr, porque o comboio a galgou rapidamente, não se parecendo n'este caso com o que acontece na do Porto.

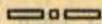
Em Neussargues, ha necessidade de mudar-se de comboio; por isso aproveitámos a ocasião para jantar.

Refeição ligeira, mas de excelente coslha. Partimos a seguir. O comboio agora começa mergulhando na estreiteza profunda de um vale, pitoresco e coado por uma luz doirada do sol da tarde, apresentado nos aspectos cada vez mais surprehendedentes.

Quando, em Arvant, passámos á grande linha de Clermon-Ferrand, era noite, já, motivo porque só pudémos vêr esta linda

cidade atravez dos renques de luz electrica que a envolviam.

A's 11 horas da noite chegávamos a S. Germain des Fossés, perto de Vichy; mas como estavamos muito maçados, e como é desagradavel chegar a horas mortas, a uma cidade onde vamos permanecer, preferimos ficar aqui, e de manhã, pela fresca, concluímos a jornada.



Vichy, causou-nos uma impressão de grandiosidade, que desconheciamos.

Pensavamos que a famosa estancia thermal era uma tranquila cidade onde se ia repousar entre arvoredos e fontes. Mas não; ela deu-nos a idéa d'um Paris em ponto pequeno, pelos seus hoteis de luxo, e pela sua vida mundana.

Tinham-me recomendado o *Hotel de Portugal*, que era tranquilo, e um asseio absoluto presidia ao seu serviço.

Não houve exagero. Lá estava, pequeno e alegre, com um renque de geraneos sobre a fachada e olhando pela frente e pela retaguarda para vastos jardins de magnificas sombras.

Vichy gosa da justa fama da primeira estancia de aguas do Mundo, e para o afirmar basta dizer que nos seus hoteis podem alojar-se 40 mil pessoas ao mesmo tempo, e as suas casas de espectaculos, comportam mais gente que as de muitas capitais da Europa.

Tudo porém n'este mundo são desilusões, e uma bem grande me estava reservada: — foi o caso que morto de calor e de sêde, duas horas depois de chegar a Vichy, fui á fonte de Chaumel e pedi um copo d'agua; e durante o curto segundo em que estendi a mão para o copo que uma servente loura e de bonitos dentes me oferecia, a minha sêde redobrou de anciedade. Mas oh! cruel desilusão, a agua era quente, porque outra nunca deram as fontes de Vichy!

A vida é assim.

Paris, Outubro 1921.

GUERRA MAIO

ARTE E LITERATURA*INÉDITO*

*Ah! quanto me arrependo,
De ter contádo n'essa carta
Que te mandei,
Todo o amôr que por ti sinto.*

Depois de a mandar, chorei! . . .

*Parece que me roubaram
Qualquer coisa que eu trazia,
Aqui, dentro do meu peito,
Escondida, lá no fundo!*

*Não deveríamos, nunca!
Traduzir em palavras
O nosso amôr.*

— Tudo se perde no mundo.

ANTÓNIO BOTTO

O TURISMO NA MADEIRA

NECESSIDADE DE REGULAMENTAR O JOGO — AINDA A QUESTÃO DAS LANCHAS — EXPOSIÇÕES E MUZEUS

A regulamentação do jogo na Madeira é o assumpto que ora mais prende as atenções geraes. Desde que, por uma forma despotica, se fez cessar a tolerancia que havia, a questão renasceu, em toda a plenitude. Todos concordaram em que era illegal a situação; era mesmo, talvez, deprimente, abusar-se da tolerancia no exercicio d'uma industria absolutamente interdita pelo Codigo; mas todos viram, de seguida, que era inadiavel regulamentar-se essa industria, para ela poder exercer-se livremente, sem transes vexatorios, sem encomodos ridiculos e medidas grotescas, por, acautelando-se todos os possiveis prejuizos, d'ahi advirem para o estado os mais legitimos e directos beneficios.

Não é preciso justifical-os, porque eles impõem-se rapidamente á observação de qualquer intelligencia medianamente culta; não se tornam necessarios mais argumentos em sua defeza, porque só não os aceita quem systematicamente lhes não quere dar o seu real valôr.

Não é sentimentalismo, não é paixão, nem é politica.

A moral tem de ser posta fóra do circulo em que se debatem os argumentos, porque ela está muito acima dos faciosismos e dos espiritos de seita.

Trata-se da defeza de interesses comuns, de interesses nacionaes — e isso é quanto basta para que as opiniões não se deixem subjugar por estultas veleidades ou por estupidos caprichos.

A vida do archipelago insular e muito especialmente da Ilha da Madeira, exige como condicção primordial para o seu desenvolvimento, que o jogo se regule. Portanto, ha que proseguir na campanha encetada, promovendo por todos os meios

naturaes que esse desideratum seja alcançado.

A persistencia e a unidade hão de vencer todos os obstaculos que se oponham á realisacão d'esse desejo. Unamo-nos, pois, e não desanimemos. A victoria virá dentro em breve.

Um outro assumpto, de não menor importancia, é o que se refere á exploracão das lanchas para serviço dos passageiros, no porto.

Já a ele me referi, fazendo salientar a sua importancia para o desenvolvimento do turismo na Madeira.

E' uma questão de vida ou de morte.

E porque assim é, já o capitão do porto o chamou a si, parecendo que, dentro em breve, ele será solucionado, com respeito pelos interesses em jogo.

— Que, em nossa modesta opinião, o interesse da comunidade sobreleva a todos; tanto mais que só uma *má interpretação* do que sejam os interesses proprios pode fazer persistir uma lucta que, além d'outros qualificativos que sugere, muito pouco abona os sentimentos patrioticos da parte que se julga lesada.

Tem-se agitado, tambem, a idéa de diversas exposições; e isso não vem se não confirmar as minhas anteriores sugestões.

A Madeira, aparte toda a beleza dos seus naturaes encantos, podia oferecer mais o atractivo da continuidade das suas exposições, como que um muzeu permanente ou uma galeria de beleza natural.

— Ele é os bordados, o vinho, as flores, os fructos, a pecuaria, os originaes productos da industria de verga, o que sei eu! — todas as manifestações da Natureza, prodiga nos encantos e beneficios com

que dotou esta preciosa perola do Atlantico; todo o producto da intelligencia e da arte humanas, exuberantemente traduzidas nas delicadas concepções das nossas industrias locais.

São essas industrias locais verdadeiros complementos da industria do turismo; e é o turismo que lhes dá o rendimento necessario para se desenvolverem e o incitamento preciso para progredirem. E o seu desenvolvimento e o seu progresso são factores preponderantes actuando d'uma forma geral e bem sensivel na economia nacional.

Tudo, pois, quanto se faça para animar a idéa das exposições continuas, sob o mais racional e ordenado criterio é do

maior senso patriótico, revelando a mais nitida comprehensão do que sejam as necessidades dos povos, a exploração dos seus proprios recursos, o aproveitamento racional das condições naturaes que a vida, e o meio e o tempo proporcionam.

E' assim que se pratica nos paizes que conhecem o valor do turismo e para o desenvolvimento da sua exploração trabalham com os mais denodados esforços aliados ao mais justo e são enthusiasmo.

Porque não havemos de fazer o mesmo na Madeira?

Funchal, Outubro 1921.

C. N.

As férias destinadas ao Turismo

O COOPERATIVISMO APLICADO ÀS EXCURSÕES

TODA a gente experimenta, n'um momento dado, necessidade de repouso e d'uma diversão ás preocupações dos negocios. D'este modo se explica a voga de que hoje gosa o exodo estival para o mar ou para o campo. Ousar-se-ia, porém, afirmar que todos retiram do seu deslocamento um proveito real e compensador aos sacrificios sofridos? Parece-nos que não; um deploravel empirismo preside, em regra, á preparação e ao arranjo das viagens e ao programa das férias.

Entretanto, eis um dominio no qual a introdução d'um methodo racional de organização poderia trazer magnificos resultados, como o atesta o exemplo d'uma instituição ingleza, cuja experiencia comporta preciosas indicações. *The Cooperative Holidays Association* é, com efeito, uma sociedade cooperativa com o fim de permitir aos seus associados que passem as férias d'uma maneira ao mesmo tempo agradável e instructiva e em condições vantajosas.

A sua historia é curiosa e vale a pena ser contada.

Esta associação teve a sua origem em Inglaterra, por iniciativa d'um pastor protestante que, notando o modo pouco razoavel como o povo utilisava os seus lazeres, pensou, pelo ano de 1877, em fundar um circulo de gente nova, tendo por objecto a organização de divertimentos ao ar livre e de excursões ás montanhas.

O exito favoreceu imediatamente a *Men's Guild* assim formada, e que dez anos depois mudava de nome e se transformava na *Cooperative Holidays Association*. (C. H. A.).

Logo, desde os primeiros anos da sua existencia, o exito da C. H. A. foi consideravel: tiveram de organizar-se numerosos centros d'excursões para receberem os consocios vindos de todas as bandas. Graças aos adiantamentos desinteressados d'alguns amigos dedicados, a associação pde, desde o começo, alugar e mobilar alguns edificios destinados a receber os excursionistas. Hoje administra treze *Guest Houses*, ou casas de hospedes, das quaes dez em Inglaterra e três no continente. Paralelamente a ela funciona, desde 1889,

uma sociedade financeira, com o fim de comprar os imóveis e de favorecer a extensão das operações.

Estas *Guest Houses* — umas abertas todo o ano, as outras só no verão — ficam sempre situadas em sitios magníficos e salubres, quer nas montanhas, quer junto do mar. Os preços são moderados, permitindo o acesso aos empregados e aos operários.

Cada estabelecimento, além de quartos de dormir, comprehende uma sala, uma casa de meza, um salão de fumo e outro de correspondencia, instalações de banho e uma bibliotheca onde se encontram reunidos todos os planos, mapas e obras relativas á região. As excursões são dirigidas por um guia, e precedidas d'uma palestra sobre a historia e geographia locais. A meza é esplendida, e encontra-se ali todo o conforto e intimidade que não raro faltam n'um hotel.

Se, por toda a parte, se atribue uma

importancia especial aos jogos e exercicios ao ar livre — duas das estancias comprehendem até uma instalação de *camping* (habitação em tendas) — a educação intellectual e social não é desprezada nas reuniões de dia e de noute. São muitas as sessões musicaes, conferencias e discussões sobre os problemas da actualidade. Nas reuniões, aos domingos, fazem-se *quêtes* para a admissão gratuita de pessoas sem meios de fortuna. O *Comradship*, órgão mensal da associação, é distribuido a todos e contribue, pela publicação de relatos de viagens e de chronicas dos centros, para perpetuar a recordação dos agradaveis momentos passados em comum.

D'este modo se acha largamente realiado o principio cooperativista em que se inspira a C. H. A., — feliz colectividade unica no Mundo e cuja organização póde e deve servir de modelo fecundo.

ARSÉNE

CARTAS DE LONGE

CHRONICAS D'UM

TURISTA SENTIMENTAL

MINHA PEROLA

A minha memoria, facilmente suggestivel á traição do esquecimento, d'esta vez — oh! espanto! — conserva ainda bem nitidas todas as fases da visita que te fiz.

De resto, isso não me deve admirar.

Os factos mais notaveis que me tem sucedido, na vida ficaram de tal modo gravados na minha sensibilidade, que seria difficil não serem facilmente acusados ao procurar revivel'os.

— E a minha visita á Lavandeira representa, hoje, para mim, não direi já um especial acontecimento da minha vida, mas um motivo de saudosas recordações, que me acompanhará pelos anos além.

Assim, não admira que todos os motivos que se me apresentaram ficassem indelevelmente fixados na minha mente.

Para t'o demonstrar, aqui continuarei a descrevel'os, como que historiando esta quadra que atravessei, momentaneamente, mas com a felicidade por mim proprio invejada — agora que a estou relembrando.

Fiquei, na minha ultima carta no momento em que a tua *mylord* nos conduziu para a *Lavandeira*.

O trajecto da estação para lá, n'esse interessante estrada dos campos d'entre Minho e Douro, trouxe-nos ao espirito sensações d'uma vida nova, ha muito não experimentadas.

Depois da passagem da ponte sobre o rio Sousa, o caminho pareceu-nos um

vasto campo de poesias — poesias perfumadas pelas emanações da Natureza.

Caminhávamos, então, já dominados por esse ambiente bucolico que sugestiona e incita as mais belas concepções do espirito. De longe em longe, um caminheiro que se cruzava com o nosso carro, saudava-nos com uma respeitosa cortezia.

— Que diferente isso nos fazia sentir!

Depois, essa vivificante flora trazia-nos á realidade de estarmos muito longe, mesmo a grande distancia d'esta bacanal infrene em que Lisboa se transformou.

Assim, fomos passando o pequeno tracto, até que, momentos depois d'entrarmos n'um muito sympathico lacete da estrada, reparámos que o carro ia atravessar um muro pelo portão que dava acesso á propriedade que ele véda.

— Estamos na *Lavandeira* — foi o grito de alegria que dos meus labios se despegou.

E assim era.

Tinhamos percorrido uns metros, do terreno florido da tua propriedade, e a *mylord* parou no pequeno largo em frente da capela.

Um atencioso criado e uma sympathica creada, typo verdadeiramente regional, vieram ao nosso encontro, para nos aliviarem das malas; avisando-nos, porém, que o seu amo estava ouvindo a missa.

Acorrêmos, então, a prestar o nosso sacrificio ante o Altar de Deus. Justamente no momento em que transpunhamos o guarda-vento, o Capelão lançava a benção e pronunciava a ultima frase da missa: *Dico missa est.*

Fizemos as nossas breves orações e sahimos em tua procura para te cahirmos nos braços.

Foi esse um momento de grande alegria, muito especialmente para mim, que ha tanto tempo não experimentava a satisfação intensa de te vêr.

— Como te achei bom, forte, sádio d'alma e corpo!

— E a tia Victoria — que alegria eu tambem senti ao vê-la — surpresa tão grande que não esperava tel'a n'essa ocasião.

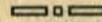
Mal refeito ainda d'essas comoções, a

Madame, com a sua grande sympathia, veiu junto de mim cumprimentar-me com efusão. Seguiu-se o Nuno, que tambem não via ha tempo, e que deu-me grande prazer.

Essas scenas sensibilisaram-me em excesso, por traduzirem os transportes de alegria que a minha presença fazia manifestar.

Apoz indagares do meu estado, a tua fidalga amabilidade levou-me á apresentação dos teus convidados d'então: A tua cunhada, mulher do Nuno, (que ainda não conhecia); ao sr. Conde de Pangim e a dois dos seus interessantes filhos, o Roberto e o Fernando; ao Dr. Fernando Cochufel, ao teu venerando capelão e... não me lembro a quem mais.

— Que fiel descripção esta?!



Estavas, n'esse dia, convidado para ires almoçar ás Caldas de Vizela, com um teu amigo; e a tua gentileza levou-te a conduzires-me no numero dos convidados. Por isso pouco foi o tempo que me concedeste para me limpar da poeira da viagem, para mudar de *toilette* e para, pela segunda vez n'esse dia, tomar um pequeno almoço. De modo que, então, não cheguei, mesmo, a aperceber-me bem do sitio onde estava e do que me rodeava.

Minutos depois, o teu belo «Pakard» de 12 cilindros, deslisava, suave e silenciosamente, pelas estradas, em direcção ás Caldas de Vizela.

E' difficil explicar-te as sensações que experimentei n'esse passeio. Elas foram tantas e tão diversas que a sua tradução não é facil fazer-se, principalmente, agora, a distancia d'esses rapidos momentos e apenas pelas reminiscencias da minha lembrança.

Não posso, porém, deixar de frisar o goso infinito que a minha vista saboreou ao descermos essa serpenteada estrada que conduz ao Vale de Vizela; os panoramas seductores, atrahentissimos, cheios de vida, de côr e de luz que se iam desfructando a cada volta da estrada!

— O admiravel no belo?

Extasiei-me perante essa manifestação de magnificencia que a Natureza ia desenrolando á minha vista.

— E nos momentos em que a realidade me trouxe ao positivismo, o meu espirito,

em relampago de critica, ditava-me que o creador tinha escolhido a Terra Portuguesa para exemplo da suprema beleza da sua divina obra!

MARIO DE MONT'ALVÃO

NOTICIAS DIVERSAS

Grande Hotel da Curia

O habil e inteligente hoteleiro, sr. Alexandre d'Almeida, cuja criteriosa pratica se tem feito sentir na exploração dos hotéis Europe, Metropole e Frankfort (do Rocio) de que é proprietario, e, ainda, no Palace, do Bussaco, de que é concessionario, acaba de adquirir a propriedade do Grande Hotel da Curia, o bem conhecido estabelecimento da sempre importante colonia aquista d'aquela aprazivel estancia.

Achamos desnecessario pôr em relêvo mais este belo empreendimento do ousado industrial, que se nos afigura têr o desejo de sêr o unico proprietario de todos os hotéis em Portugal, ou de personificar em si a *Federação hoteleira* que preconisámos no ultimo numero d'esta Revista.

Seja, porém, como fôr a satisfação do seu ideal (e com isso nada temos) só nos cumpre tanto quanto em nós caiba, auxiliar moralmente a actividade d'esse exemplo de persistencia, de criteriosa orientação e de honesto trabalho; o que nos dá ensejo a mais uma vez lhe testemunharmos o nosso apreço.

Hotel da Penha, em Guimarães

JUNTO a Guimarães, no alto do Monte da Penha, vae ser construido um hotel que, segundo o projecto, será dotado de todo o conforto moderno. Esse projecto cujo auctor é o illustre architecto Raul Lino, está baseado sobre o estylo minhoto puro.

O Monte da Penha, para onde uma

bela estrada dá acesso, é um dos pontos mais apraziveis do norte do Paiz; e, agora, o hotel vem completar o interesse de se visitar este monte com o que muito ganhará a região vimezanense.

Para levar a cabo esta obra, constituiu-se em Guimarães uma comissão de entusiasticos capitalistas, devendo os trabalhos começar este inverno.

Não será porém exagero, lembrar aos entusiastas da Penha, que a propria cidade de Guimarães bem precisa d'um hotel moderno, e que um sem o outro não se podem completar.

Uma nova estrada internacional

ESTÁ, emfim, concluida a estrada de Vilar Formoso a Ciudad Rodrigo, que o governo Espanhol mandou fazer para intensificar o trafego automobilista com Portugal.

D'esta maneira, fica aberta uma nova arteria de viação ordinaria para o estrangeiro, cuja direcção é Lisboa-Coimbra, Celorico da Beira, Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo, Almeida e Vilar Formoso.

Do Porto segue-se por Trancoso, a Pinhel.

Para corresponder a esta deferencia do governo espanhol, bom seria que a Administração Geral das Estradas e Turismo mandasse cuidar especialmente das estradas que conduzem a essa ligação, que é d'uma enorme vantagem para o nosso Paiz.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—
Largo Raphael Bordaio Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoria)